

A UTILIZAÇÃO DE ESPAÇOS NÃO FORMAIS E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO E A APRENDIZAGEM NO PROGRAMA DE MESTRADO E DOUTORADO EM UMA UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL

THE USE OF NON-FORMAL SPACES AND THEIR RELATIONSHIP WITH TEACHING AND LEARNING IN THE MASTER'S AND DOCTORATE PROGRAM IN A UNIVERSITY OF RIO GRANDE DO SUL

Valdemir José Máximo Omena da Silva*
Rogério José Schuck**
Silvava Neumann Martins***

RESUMO

Nesta pesquisa analisamos a contribuição que uma viagem de estudo em espaço não formal de aprendizagem pôde proporcionar para a construção do conhecimento a partir de uma experiência pedagógica desenvolvida na disciplina “Processos de aprendizagem em espaços não formais” do programa de Mestrado e Doutorado em Ensino. Objetiva-se apresentar os benefícios identificados pelos alunos ao participarem de uma aula em espaço não formal. Para a fundamentação teórica desse estudo tem-se: Marandino (2004); Gadotti (2005); Gohn (2006, 2010 e 2011); Trivinos (2007); Jacobucci (2008); Moreira (2010); Ministério da Educação (2011) e Libâneo (2012). Para esta pesquisa utilizou-se de uma abordagem qualitativa, com metodologia de pesquisa que se aproxima do estudo de caso. Os dados coletados partiram de onze questões fechadas e uma questão aberta. Os resultados obtidos apontam que a aula desenvolvida em espaço não formal foi determinante para a evolução das concepções dos alunos, contribuindo para um pensamento crítico e ampliando as maneiras de ensinar e de aprender.

Palavras-chave: Educação. Espaço formal. Espaço não-formal. Espaço Informal. Ensino e a Aprendizagem.

ABSTRACT

In this research we analyze the contribution that a study trip in non-formal learning space could provide for the construction of knowledge from a pedagogical experience developed in the discipline "Learning processes in non-formal spaces" of the master's program and Doctorate in Teaching. It aims to present the benefits identified by the

* Doutorando em PPGEEnsino - Univates. Bolsista (FAPERGS – CAPES). Docente no Instituto Federal do Maranhão – Campus Alcântara. Mestre em Turismo e Hotelaria pela Univali.
valdemir.silva@universo.univates.br

** Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor Titular da Universidade do Vale do Taquari - Univates atuando nos cursos de graduação, bem como junto ao PPGECE no Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas e PPGEEnsino no Mestrado em Ensino.
rogerios@universo.univates.br

*** Professora permanente na Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES em Ensino de Ciências Exatas e do Mestrado em Ensino da mesma IES. Doutorada em Educação pela PUC-RS.
smartins@universo.univates.br

students when participating in a class in non-formal space. The theoretical basis of this study is: Marandino (2004); Gadotti (2005); Gohn (2006, 2010 and 2011); Trivinos (2007); Jacobucci (2008); Moreira (2010); Ministry of Education (2011) and Libâneo (2012). This study utilized the qualitative approach, with research methodology that approximates the case study. The data collected came from eleven closed questions and an open question. The results show that the non-formal space class was determinant for the evolution of students' conceptions, contributing to a critical thinking and broadening the ways of Teaching and Learning.

Keywords: Education. Formal space. Non-formal space. Informal Space. Teaching and Learning.

Introdução

Este artigo foi idealizado a partir da disciplina “Processos de aprendizagem em espaços não formais” ofertada pelo programa de Mestrado/Doutorado em Ensino, de uma Universidade, localizada no interior do Rio Grande do Sul. A pesquisa foi realizada entre os dias 18 a 20 de julho de 2018, na cidade gaúcha de São José dos Ausentes. A proposta consiste em analisar as contribuições da aula realizada em “espaço não formal”¹ nos processos de ensino e de aprendizagem. A aula foi desenvolvida com a participação de 26 alunos e três professores, sendo um deles titular da disciplina e os outros dois convidados para a experiência.

Ao afirmar que a Educação pode acontecer em diferentes formatos e múltiplos ambientes, Gohn (2011) tipifica-a como formal, não formal e informal. Longe de querer definir o melhor espaço, entende-se que essas modalidades se complementam nas suas práticas, podendo fortalecer o ensino e aprendizagem. Tendo em vista a globalização em curso, percebe-se que as políticas adotadas para a Educação visam atender às inúmeras demandas criadas por ela e acompanha os avanços da Ciência e da Tecnologia. Nesse novo cenário global, segundo Libâneo (2012), a Educação é afetada de várias maneiras, fazendo com que a escola passe a dividir com outros espaços externos² a socialização dos conhecimentos técnico-científicos, preparando o ser humano para o mundo.

O autor ainda complementa que, a escola de hoje:

[...] precisa não apenas conviver com outras modalidades de educação não formal, informal e profissional, mas também articular-se e integrar-se a elas, a fim de formar cidadãos mais preparados e qualificados para um novo tempo (LIBÂNEO, 2012, p. 63).

¹ São considerados todos ambientes fora dos muros da escola.

Assim, considerando os diferentes espaços utilizados para o Ensino, este artigo tem como objetivo principal apresentar alguns conceitos e definições dos diferentes espaços adotados para o Ensino, como também trazer as contribuições ao ensino e aprendizagem a partir de uma experiência em espaço não formal.

1 Aporte Teórico

Esse tópico apresenta a diferença entre a Educação formal, informal e não formal segundo Fávero (2007), estabelecida no início na década de 60, cujo propósito era compreender os diferentes locais de seu desenvolvimento. Ao longo do artigo, apresentamos as definições de cada um deles e suas contribuições.

1.1 Ensino em espaço formal

O espaço formal define-se como o espaço dentro da escola pública ou particular, cursos de capacitação e treinamentos etc., em que as aulas são desenvolvidas dentro de uma sala, conjugadas a outras dependências, entre elas: biblioteca, refeitório, aérea de convivência e quadra de esportes etc. O que se percebe é que o espaço formal se refere apenas a um local onde as aulas são realizadas, conforme garante a lei e segue um padrão praticado nacionalmente. Essa regulamentação, está relacionada às Instituições Escolares da Educação Básica e do Ensino Superior, definidas na Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que em seu art. 26 define:

Os currículos do ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela (BRASIL, 1999)

Segundo Gohn (2006), a educação formal é aquela desenvolvida dentro da sala de aula na escola, com conteúdo planejado pelo professor. Não somente aplicada apenas em espaços escolares, mas também, em universidades, os espaços formais podem ser entendidos “a partir de uma diretriz educacional centralizada no currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da Educação” (GADOTTI, 2005, p. 2). O espaço formal sendo indispensável às práticas educacionais e bastante utilizados pelos educadores, apresentam

limitações bem definidas, estendendo-se do primeiro ano do ensino infantil ao último ano do curso superior (SARRAMONA, 1998).

Diante dessa visão, surge alguns questionamentos: será que o foco principal está no local que ocorre o ensino? Caso a escola não tenha uma mínima estrutura física, o aluno deixa de aprender? Sobre essa temática Moura (2005) explica que não são os lugares formais ou não formais adotados para a ensino que vai determinar a aprendizagem do aluno. O que se observa diante dos posicionamentos dos autores acima, é que deve estar claro o papel da escola no processo de ensino e aprendizagem. E nesse ponto, Ganzeli (2011) explica que “[...] a escola deve oportunizar ao educando processos de aprendizagens que lhe assegurem a transmissão do saber acumulado pela sociedade, como também lhe garantir a possibilidade de construção de novos, saberes” (GANZELI, 2011, p. 11).

Não há como negar que o papel da escola e do ensino em espaço formal é de extrema relevância para a sociedade e que a lei regulamentadora estabelece que todos precisam ter um ensino de qualidade. Assim, seguindo o raciocínio dos autores, os professores responsáveis pela disciplina “Processos de aprendizagem em espaços não formais” buscaram proporcionar aos alunos, essa rica experiência fora dos muros da universidade. Contudo, surge aqui outra inquietação: por qual motivo os professores realizam essas ações externas, sendo comum desenvolver o ensino e aprendizagem em espaços formais?

É oportuno salientar que não temos a intenção de promover o confronto entre o espaço formal, informal e não formal de ensino, mas relatar através dos dados coletados dos alunos pesquisados as contribuições percebidas pelos alunos em participarem da aula em espaço não formal. Na sequência, é apresentada as informações conceituais dos espaços não formais utilizados no Ensino e Aprendizagem.

1.2 Ensino em espaços não formais

A expressão “espaço não formal” está sendo muito utilizada no meio educacional, não apenas por professores, mas, por profissionais que utilizam diversos locais, fora dos muros escolares ou sala de aula, para desenvolverem suas atividades educativas. Segundo Gohn (2006), algumas pesquisas realizadas sobre a temática apresentam bons resultados na utilização dos espaços não formais com o ensino e aprendizagem. Tentando responder a inquietação do tópico anterior, sobre a ótica em questão, para Cazelli et al (1998) os

resultados das pesquisas realizadas apresentam que a principal motivação dos professores em procurarem os espaços não formais para proporcionar o Ensino e aprendizagem, tem como foco dois objetivos: a) ligar a parte teórica ministrada em sala de aula, compreendida como espaço formal, e b) ter o complemento através desse outro espaço.

Na Educação não formal existe um propósito na ação, ou seja, não importa se a atividade seja primeiramente aplicada antes do conteúdo de sala de aula, o que deve prevalecer é o ato da participação de todos nas estratégias de ensinar e aprender, transmitindo ou trocando saberes (GOHN, 2006). Contribuindo com essa ideia Marandino et al (2004) defende que essa prática em espaços diferenciados ocorre principalmente entre os professores das matérias básicas, entre elas: Ciências, Física, Química e Biologia. Ao realizarem visitas técnicas a espaços não formais, percebem que há um complemento à Educação formal, além de limitarem os processos educacionais a um único espaço. Para Gohn (2004) esse fato é um ponto de discordância. É nesse contexto que defendo que as diversas maneiras de Educação podem se tornar complementares.

Buscando ampliar o entendimento sobre as compreensões desse tópico, Marandino et al (2004) definiu o espaço não formal, como sendo todos utilizados fora da estrutura física da escola, entre eles se destacam: Revistas, jornais, televisão, rádio, organizações não governamentais, museus de Ciências, zoológicos, jardim botânico, hortos, parques florestais, reservas naturais, zona rural, matas ciliares, indústrias, fábricas. São estes alguns locais onde o aluno diante de situações distintas possa pensar, raciocinar, falar e redimensionar seu conhecimento (MARANDINO et al, 2011). Esses espaços definidos anteriormente, segundo Jacobucci (2008) podem formar duas categorias: a) espaços institucionais com equipes técnicas responsáveis, como exemplo: museus, centro de ciências, Zoológicos, jardim botânico, etc. e b) espaços sem estrutura institucional com possibilidade de desenvolver atividades educacionais, como exemplo: teatro, cinema, parques florestais, reservas naturais, zona rural, etc. Ainda que esses espaços citados não tenham sido pensados para as finalidades educacionais, mas sim para entretenimento, a autora entende que alguns espaços não formais:

[...] têm se constituído como campo para diversas pesquisas [...] que buscam compreender principalmente as relações entre os espaços não formais e o Ensino. Museus de arte têm sido estudados pela recente divulgação cultural, em parceria com escolas, zoológicos, dentre outros, como locais favoráveis à realização de projetos de Educação Ambiental, e os museus e centros de ciências têm recebido grande atenção dos pesquisadores pela potencialidade de envolvimento da

comunidade escolar com a cultura científica” (JACOBUCCI, 2008, p. 142).

É possível perceber que os espaços não formais estão cada vez mais sendo utilizados por professores para as atividades voltadas ao ensino, cujo objetivo é transpor os muros da escola e proporcionar aos alunos uma aprendizagem diferenciada e mais significativa. Apostando em novas práticas para o ensino, o governo federal criou, através da portaria nº 17/2007, o programa “Mais Educação” da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC), em parceria com a Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC) e com as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação. O programa tem como estratégia promover a educação integral no Brasil, extrapolando os muros da escola e construindo um vínculo do processo de ensino e de aprendizagem na preparação do aluno para o mundo (BRASIL, 2007).

No próximo tópico veremos o conceito de espaço informal e sua contribuição no processo de Ensino e aprendizagem.

1.3 Ensino em espaço informal

Não menos importante, o ensino em espaço informal tem igual relevância aos demais espaços de ensino e aprendizagem. Com base em Libâneo (2010), este cenário já é desenvolvido pelos pais ao longo da vida da criança gerando no indivíduo certa influência do meio em que ele cresce, ou seja, na escola, no templo religioso, no domicilio doméstico e no espaço de lazer em que todos podem contribuir para que ocorra a formação do ser humano. Para clarear o entendimento sobre esse tópico, Libâneo (2010) afirma que “[...] para aprender não há uma única maneira de Educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino oferecido na escola não é a única prática e o professor não é seu único praticante” (LIBÂNEO, 2010, p. 26).

De fato, para o autor, o ensino pode ocorrer em diferentes espaços, mas praticado em espaço informal o resultado das ações desenvolvidas repercute no decorrer da construção de vida do ser humano. A partir das pesquisas de Libâneo (2010), concluiu-se que o Ensino em espaço informal pode ocorrer no convívio familiar, na área profissional, nos meios de interações, vizinhos, entre outras, permitindo que o ser humano, independentemente de estar ligado ou não a uma instituição, ao se relacionar com outros indivíduos produz novos conhecimentos, adquire mais experiências e desenvolve novas práticas (LIBÂNEO, 2010). Por esse ponto de vista, entende-se que o Ensino informal

por não apresentar uma estrutura clássica de ensino e de aprendizagem, pode ser compreendida como não intencional, ou seja, que não segue regras previamente estabelecidas e que acontece através das relações globalizadas em que a tecnologia e a ciência contribuem para esse avanço no Ensino.

Em se tratando de uma formação humana que ocorre ao longo da vida do indivíduo, o Ensino em espaço informal permite que os conhecimentos, as práticas e as experiências adquiridas, possam ser replicadas de geração a geração alcançando melhores indícios de qualidade e atenda às necessidades atuais da sociedade (LIBÂNEO, 2010). Sobre essa temática, Gohn (2010) acrescenta que essa prática de Ensino por ser de caráter permanente a partir dos pais, irmãos e colegas como primeiros educadores, contribui na socialização do ser humano quanto as suas crenças e valores no qual está inserido.

Há uma concordância de Gohn (2010) e Libâneo (2010) quando afirmam que o Ensino em espaço informal não segue uma estrutura prévia de aprendizado e que os resultados não são mensurados, sendo que para eles, a pessoa desde seu nascimento está em constante aprendizagem através da relação social.

Assim, é possível constatar pelas contribuições dos autores que o Ensino em espaço não formal não é estático, mas uma atividade que está sendo construída a partir de seus participantes e, por isso, não tem uma identidade pronta e acabada, permitindo várias contribuições de diferentes áreas de contextos culturais mediante a diversidade que apresenta.

2 Viagem ao Município de São José dos Ausentes

O município de São José dos Ausentes foi criado com a denominação de “Ausentes” (ex-povoado) pela Lei Municipal n.º 9, de 05-06-1948, subordinado ao município de Aparados da Serra, atual Bom Jesus, e elevado à categoria de município pela Lei Estadual n.º 9.559, de 20-03-1992. Distante 295 km da capital Porto Alegre, a cidade é conhecida por seu inverno rigoroso para os padrões brasileiros, que tem temperaturas abaixo de zero (IBGE, 2010). Ao iniciar a aula no espaço formal, o professor titular da disciplina após comunicar o que seria estudado, avisou que estava previsto uma experiência de aula num espaço externo à universidade. A cidade escolhida foi São José dos Ausentes localizada na divisa do estado do Rio Grande do Sul com o estado de Santa Catarina.

Após o professor disponibilizar os textos para estudo que retratam a Educação não formal ou informal, ficou mais claro entender a importância do tema diante do formalismo educacional comum nas escolas de todo país. Os animados debates entre professor e alunos trouxeram vastas contribuições de aprendizagem, ainda que, grande percentual da turma possua larga experiência na docência. Com o roteiro da viagem previamente traçado pelos dois professores convidados, na primeira parada programada foi possível compreender sobre os lençóis freáticos que existem na cidade de Lajeado, ponto de partida dessa viagem. Com formação em Biologia, os professores convidados, a partir de suas explicações, foi possível compreender sobre os desafios que existem na região, entre eles: as formações rochosas, os problemas ecológicos, o relevo e a diversificação da vegetação, as reservas de água que abastecem as cidades etc.

Ao longo do trajeto e das apresentações *in loco*, era possível fazer anotações que se inter-relacionavam com os textos estudados em sala e perceber o quanto os alunos estavam participativos em cada momento, fazendo muitos questionamentos. Chegamos ao destino após dez horas de estrada, fomos recebidos pelo proprietário da pousada e conduzidos às acomodações que já estavam prontas. Uma hora depois, o encontro no espaço do restaurante da pousada para o jantar começava a receber os primeiros alunos. Com um cardápio variado e bem regional, muitos alunos que estavam na fila puderam trocar experiências com hóspedes vindo de outras localidades, com sotaques bem carregados e aventuras vividas.

Depois do jantar, alunos e professores puderam relatar suas percepções até aquele momento de interação, e mais uma vez, os textos eram revistos e serviam de fundamentação às conclusões que se chegava quanto àquela experiência em espaço não formal estava proporcionando a todos. No dia seguinte, após o café, o desafio seria fazer um trajeto de aproximadamente três quilômetros em torno da propriedade explorando o relevo e a vegetação local, montado a cavalo.

Para Xavier e Fernandes (2008, p. 226) nos espaços fora da sala de aula,

[...] a relação de ensino e aprendizagem não precisa necessariamente ser entre professor e aluno(s), mas entre sujeitos que interagem. Assim, a interatividade pode ser também entre sujeito e objetos concretos e abstratos com os quais ele lida em seu cotidiano, resultando dessa relação o conhecimento.

Quase todos alunos enfrentaram seus medos, até porque muitos deles estavam vivenciando pela primeira vez aquela experiência. O encantamento do grupo de alunos e professores era percebido pela descontração, como também através da possibilidade de

vivenciar modalidades diferentes de aprendizagem em espaços não formais que viria reforçar o que havíamos visto no espaço formal. O resultado inferido é que, os espaços não formais podem apresentar uma relação direta ou não com os conteúdos anteriormente estudados em sala de aula. Para Gohn (2006) a experiência fora da escola pode proporcionar mais descobertas de conhecimentos do que mesmo em espaços formais.

Ao final, após o almoço do segundo dia de descobertas, pegamos o caminho de volta à cidade de Lajeado/RS, cujo percurso foi recheado de pensamentos reflexivos sobre a experiência vivida remetendo todos às novas formas de ensino e aprendizagem.

3 Metodologia

Esta pesquisa consiste em um relato de experiência em que descreve aspectos vivenciados pelos alunos em um espaço não formal. Esse método, segundo Cavalcante e Lima (2012, p. 96), é “uma ferramenta da pesquisa descritiva que apresenta uma reflexão sobre uma ação ou um conjunto de ações que abordam uma situação vivenciada no âmbito profissional de interesse da comunidade científica”. A pesquisa foi desenvolvida com uma turma de alunos inscritos no programa de Mestrado e Doutorado em Ensino numa universidade do Rio Grande do Sul. Foram sujeitos desta pesquisa todos os inscritos no programa de pós-graduação referente a disciplina “Processos de aprendizagem em espaços não formais”. A aula em espaço não formal foi desenvolvida na cidade “São José dos Ausentes”, planejada e orientada paralelamente com os conteúdos curriculares do programa proposto.

O objetivo dessa aula externa foi proporcionar aos alunos a experiência de conhecer e observar as contribuições que o espaço não formal incide sobre o ensino e a aprendizagem na vida de uma pessoa. A pesquisa realizada foi do tipo qualitativo, cujos dados coletados fazem referência ao contexto em estudo, proporcionando uma visão ampliada do comportamento humano para melhor compreendê-los (TRIVINOS, 2007). Esse tipo de abordagem, quando utilizada, permite o contato mais próximo com os sujeitos e com o ambiente no qual ocorre à pesquisa, nesse caso o espaço não formal, proporcionando ao pesquisador o conhecimento da aprendizagem produzida nesse espaço, a compreensão da percepção que estes indivíduos têm quanto às questões levantadas, além de favorecer respostas mais reais e significativas das observações.

Para a obtenção dos dados foi elaborado um questionário com 12 (onze) perguntas de múltiplas escolhas e uma questão aberta para obtenção de respostas livres com a possibilidade de recolher dados e informações ricas e variadas. Para avaliar a eficácia e clareza deste instrumento de coleta de dados, foi aplicado um pré-teste envolvendo cinco alunos, o qual forneceu subsídios para modificações presentes na versão final. Para mensurar as opiniões dos alunos, foi utilizada a escala de verificação de Likert que consiste em tomar um construto e desenvolver um conjunto de afirmações relacionadas à sua definição para as quais os respondentes emitirão seu grau de concordância.

Para Costa (2011), a vantagem da escala de Likert é sua facilidade de manuseio, permitindo ao pesquisado se posicionar de acordo com uma medida de concordância atribuída à questão e, de acordo com a afirmação, se infere a medida do construto. A escala adotada para essa pesquisa seguiu o modelo original, ou seja, os cinco pontos, variando entre: discordo fortemente, discordo, não sei, concordo e concordo fortemente.

Para os dados coletados na questão aberta, foi utilizado o mapa conceitual para a análise, onde foram apresentadas todas as variáveis pelos alunos participantes da pesquisa. O mapa conceitual, segundo Moreira (2010), é uma técnica muito flexível podendo ser utilizada em várias situações entre elas recurso de aprendizagem. Através desta técnica pode-se relacionar os dados coletados que estão associados à aprendizagem dos alunos a partir da experiência de ensino em espaço não formal.

Após a realização de todas atividades prevista pelos professores, foi apresentado aos alunos a proposta da pesquisa e feito o seguinte apontamento: Todos concordam em participar da pesquisa? Com a concordância de todos, foi distribuído e explicado o termo de consentimento livre de participação, explicado todas as dúvidas e em seguida distribuído o questionário da pesquisa.

3.1 Perfil dos participantes da pesquisa

A amostra dessa pesquisa foi constituída por 26 (vinte e seis) alunos da pós-graduação de mestrado e doutorado inscritos na disciplina “Processos de aprendizagem em espaços não-formais”. Na Tabela 1 é possível visualizar que a maioria dos participantes foi do sexo feminino com 14, ou seja, 54%. Já o sexo masculino foi de 12 alunos correspondente a 46%.

Tabela 1: Identificação de gênero dos participantes

Gênero	Unid.	%
Masculino	12	46
Feminino	14	54

Fonte: Elaborado pelos autores

Verifica-se no Tabela 2 que a composição da turma de pós-graduação foi formada por 19 alunos mestrando e 7 doutorandos, todos em Ensino. Os sujeitos da pesquisa são professores que atuam em diversas áreas e regiões do país.

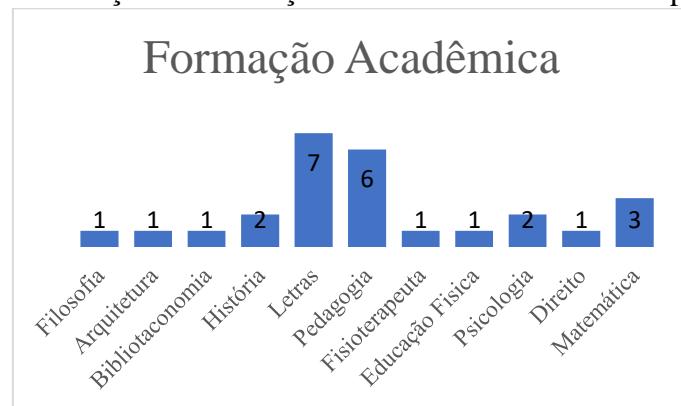
Tabela 2: Identificação dos alunos quanto à pós-graduação

Pós-Graduação	Unid.	%
Mestrando	19	73
Doutorando	7	27

Fonte: Elaborado pelos autores

Quanto a formação acadêmica dos alunos da pós-graduação apresentado no Gráfico 1, sete deles, com a maior representatividade, são formados na área de Letras, correspondendo a 27% do total. Na sequência aparece a Pedagogia, representados por seis alunos, totalizando 23%. Na área de Matemática são três pós-graduando, correspondente à 12%. Empatados com dois representantes vem a área de História e Psicologia, que representa 8% do total. E por fim, representando 23% tem-se a Filosofia, Arquitetura, Biblioteconomia, Fisioterapia, Educação Física e Direito.

Gráfico 1: Identificação da Formação Acadêmica dos alunos da pós-graduação



Fonte: Elaborado pelos autores

Quanto a fixa etária dos alunos pesquisados, pode-se observar na Tabela 3 que dez deles apresentam entre 25 a 34 anos, representando um percentual de 39%. Na sequência

vem oito alunos, cujas idades estão compreendidas entre 35 a 40 anos. E por fim, 31% que representam oito alunos têm suas idades entre 41 a 53 anos.

Tabela 3: Identificação dos pós-graduandos quanto a Idade

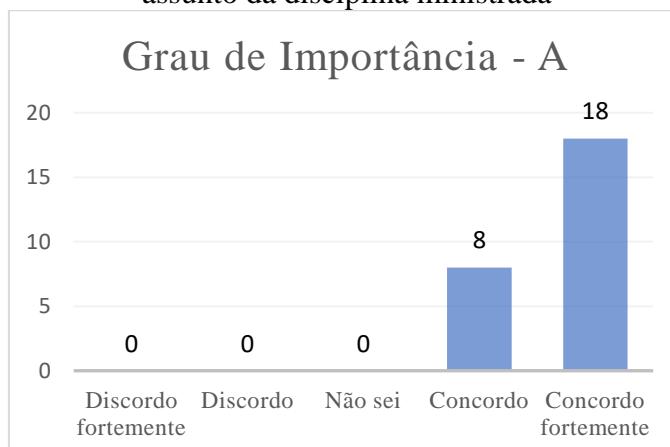
Faixa etária	Unid.	%
25 a 34	10	38
35 a 40	8	31
41 a 53	8	31

Fonte: Elaborado pelos autores

4 Discussão e Análise dos Resultados

A partir do Gráfico 2, temos os dados coletados dos alunos participantes, cujo meio utilizado foi a tabela de Likert.

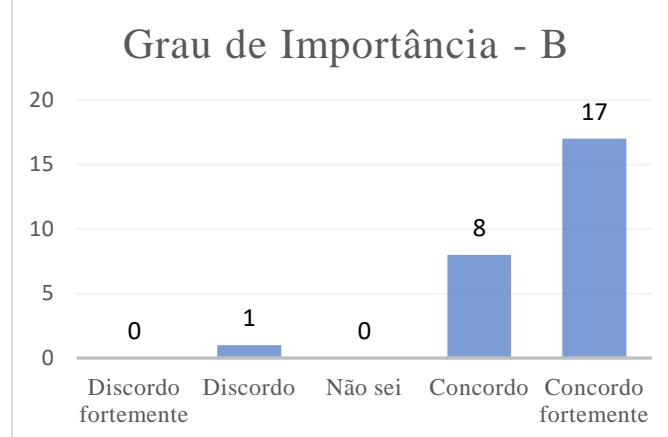
Gráfico 2 - A atividade realizada em espaços não formais me permitiu compreender o assunto da disciplina ministrada



Fonte: Elaborado pelos autores

A primeira questão do instrumento de pesquisa, teve como objetivo em identificar se a experiência realizada em espaço não formal contribuiu para que a disciplina fosse melhor compreendida pelo aluno. Como se pode verificar no Gráfico 2, dezoito alunos, ou seja, 70% assinalaram que concordam fortemente que os espaços não formais contribuíram para que pudessem melhor assimilar o conteúdo da disciplina. Enquanto outros oito alunos marcaram concordando que os espaços não formais ajudam no processo de ensino e de aprendizagem. Esse resultado é fundamentado por Gohn (2006) quando defende, após inúmeras experiências realizadas, que em espaços não formais apresentam bons resultados para o ensino e para a aprendizagem.

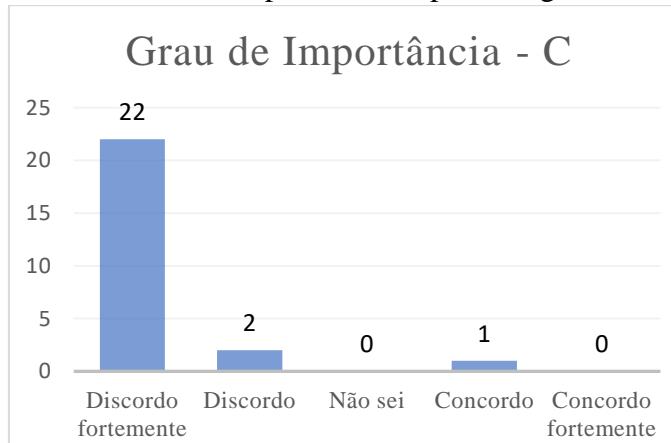
Gráfico 3 - A atividade realizada em espaços não formais não me permitiu melhor participação no processo de ensino e de aprendizagem



Fonte: Elaborado pelos autores

Pode-se observar no Gráfico 3, cujo objetivo era identificar se o aluno com essa experiência em espaço não formal teve maior participação no processo de Ensino e de aprendizagem, que dezessete alunos concordam fortemente que essa prática fora de sala de aula contribuiu com a aprendizagem. Esse número representa 70% do grupo participante. Há na Educação não formal um propósito na ação, ou seja, o que deve prevalecer é o ato da participação de todos, nas estratégias de ensinar e de aprender, transmitindo ou trocando saberes (GOHN, 2006). Assinalando que concordam com a aula em espaço não formal, oito alunos correspondendo a 30% confirmaram que interagiram melhor durante o processo havendo mútua troca de saberes. Apenas um aluno não concordou que essa prática de aula realizada fora do espaço físico da escola permitiu maior participação dele no processo de aprendizagem.

Gráfico 4 – A atividade realizada em espaços não formais foi monótona e pouco acrescentou para minha aprendizagem

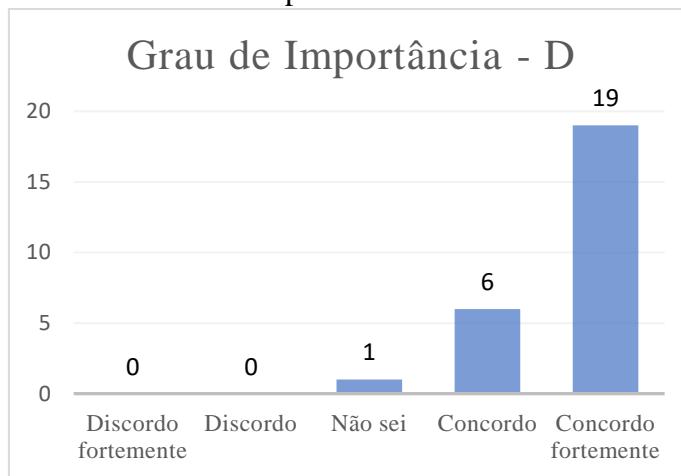


Fonte: Elaborado pelos autores

No Gráfico 4, a questão tem como objetivo saber se essa prática de aula em espaço não formal foi monótona e não acrescentou nenhum conhecimento aos alunos. Mediante os dados coletados de 23 participantes, ou seja, um pouco mais de 88% discordam fortemente que essa prática adotada em espaço não formal tenha sido inflexível, pelo contrário, trouxe aos participantes maior aproveitamento dos assuntos abordados e a troca de informações de forma descontraída e dinâmica. No espaço formal da escola, assegura Saramona (1998), o ensino e a aprendizagem é indispensável às práticas educacionais, contudo apresentam limitações bem definidas o que provoca novas experiências de aula em outros espaços externos, que segundo Marandino et al (2004) dá ao aluno maior liberdade de aprendizagem quando ele se relaciona com a sociedade e ao professor proporciona realizar um complemento do assunto ministrado em sala de aula.

Outros dois alunos pesquisados, que correspondem a 7.70% responderam que também discordam que a aula em espaço não formal não seja dinâmica e ofereça boas condições de aprendizagem. E por fim, apenas um aluno concordou que a experiência não apresentou muita diferença da forma com que é tratada em espaço formal.

Gráfico 5 – A experiência de aprendizagem em espaços não formais despertou em mim maior interesse pelo assunto desenvolvido



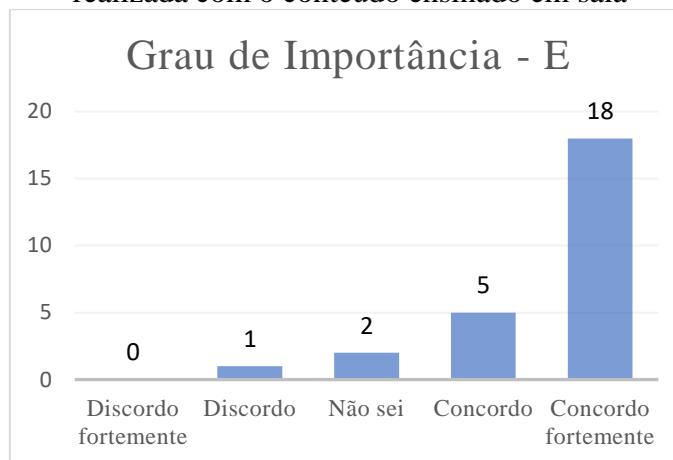
Fonte: Elaborado pelos autores

No Gráfico 5, o objetivo foi identificar se a experiência em espaço não formal contribuiu para despertar no aluno maior interesse pela aula, e o que se pode verificar é que 19 alunos, cuja representação é de 73% concordam fortemente com essa experiência e que se sentiram mais atraídos pelo assunto abordado pelos professores. Com base no que defende Marandino et al (2004), essa prática é mais desenvolvida pelos professores do ensino básico, cuja matérias Química, matemática, português etc. são da base. Assim,

é possível concluir que não somente esses, mas todos os professores de outras séries podem se utilizar dessa prática para melhor proporcionar o ensino e a aprendizagem aos alunos.

Outros seis alunos participantes responderam que apenas concordam que ao participarem dessa experiência apresentaram mais interesse pelo assunto abordado. E somente um aluno respondeu que não saberia responder ao questionamento.

Gráfico 6 – Através da aula em espaços não formais eu consigo associar a experiência realizada com o conteúdo ensinado em sala

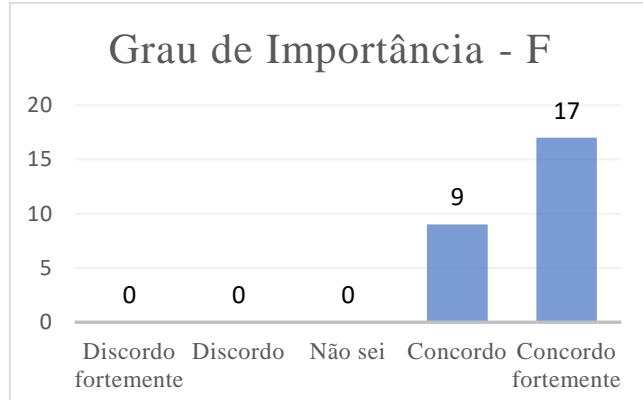


Fonte: Elaborado pelos autores

Dando prosseguimento aos dados coletados, observa-se no Gráfico 6, cuja pergunta tem como objetivo identificar se a experiência desenvolvida em espaço não formal contribuiu para que o aluno pudesse fazer uma relação com a parte teórica apresentada no espaço formal da escola. Assim, 69% dos alunos representados por 18 alunos, concordaram fortemente que conseguiram fazer uma associação entre o conteúdo estudado em sala de aula com o complemento apresentado em espaço não formal. Outros 5 alunos confirmaram concordando com a experiência realizada. Dentre a totalidade participante 2 alunos responderam que não sabiam ter uma definição sobre o questionamento e apenas um aluno discordou da experiência.

Essa prática vem cada vez mais conquistando os professores objetivando proporcionar aos alunos melhor qualidade no ensino e na aprendizagem. O professor que apenas transmite o conhecimento está sem espaço na sala de aula, segundo Chassot (2010). Isso obriga-o a adotar novas estratégias para as aulas e o Ensino nos espaços não formais tem se tornado um aliado nessa busca de qualidade.

Gráfico 7 – Com a visita em espaços não formais eu consegui avançar em conhecimento

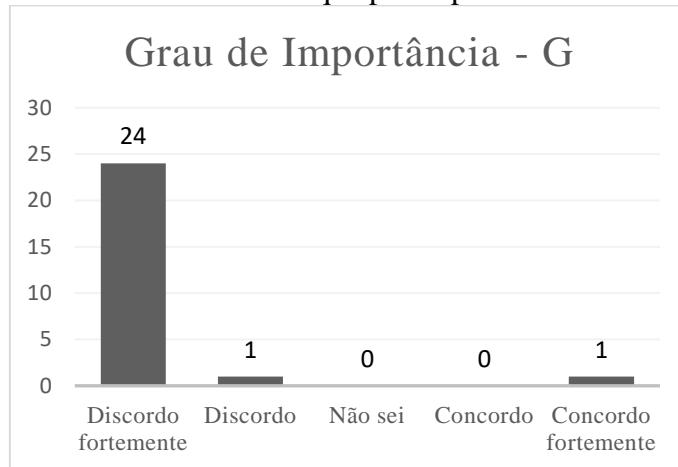


Fonte: Elaborado pelos autores

Boa parte dos espaços não formais possuem um grande potencial de investigação e descoberta para todo aquele que o visita. Para Rocha e Fachín-Terán (2010) a escolha de espaço não formal para o desenvolvimento do Ensino e da aprendizagem proporciona aos envolvidos, entre eles alunos, professores, escola, sociedade etc., maior compartilhamento de saberes, que são construídos a partir das teorias criadas pelas ciências educacionais. Mediante os dados coletados e apresentados no Gráfico 7 acima, pode-se perceber que um pouco mais de 65% dos participantes da pesquisa concordam fortemente sobre a fundamentação dos autores. Para 17 alunos que representam esse percentual, o espaço não formal pode contribuir no desenvolvimento de conhecimentos a partir da associação de práticas variadas em diferentes espaços.

Por fim, 9 alunos, ou seja, 35% da representatividade apenas concordam que esse meio de proporcionar o Ensino tem ajudado na construção de novos conhecimentos.

Gráfico 8 – Eu pouco lembro das experiências que tive na última aula em espaços não formais que participei



Fonte: Elaborado pelos autores

Por último, o Gráfico 8 apresenta os dados coletados cuja questão tem como objetivo verificar se os alunos esquecem facilmente de uma experiência em que a aula foi desenvolvida em espaço não formal. Buscar o conhecimento além dos muros escolares a partir de situações abertas favorecem a aprendizagem significativa que se torna possível quando um novo conhecimento vem agregar ao já adquirido pelo ser humano. Dessa forma, uma aula planejada pelo professor em espaço não formal, segundo Gohn (2008), torna a aprendizagem real com as trocas de informações disponíveis no cenário escolhido para a experiência.

Assim, conforme os dados coletados e apresentados no Gráfico 8, 24 alunos participantes da pesquisa apontaram que discordam fortemente quanto à questão exposta, ou seja, essa prática em espaço não formal apresenta muita relevância na fixação do assunto ministrado. Um aluno respondeu que apenas concorda sobre a relevância que essa experiência pode proporcionar à aprendizagem. E por fim, um aluno apontou que concorda fortemente que essa prática pode ser esquecida facilmente pelo aluno.

A seguir, o esquema da Figura 1 apresenta as características de comportamentos identificados no grupo de alunos participantes da pesquisa, em que se pode observar as que apresentam maior significância na aprendizagem. Partiu-se da seguinte questão: O que uma aula em espaços não formais despertou em mim?

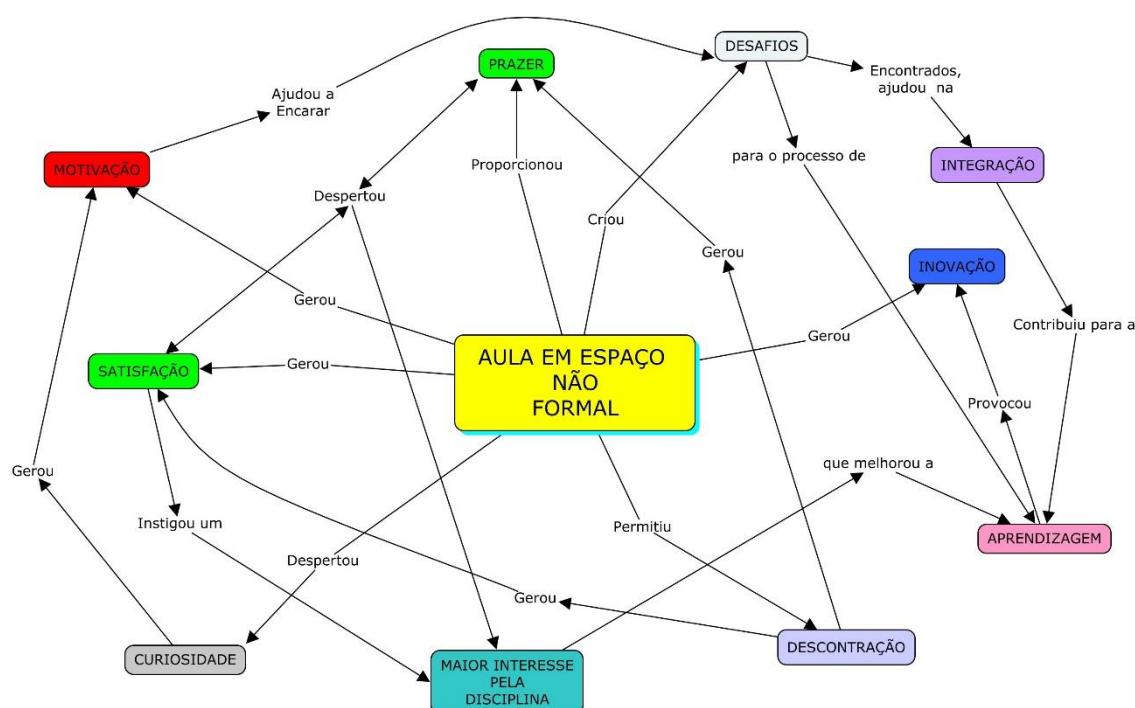


Figura 1: As características mais relevantes para os alunos

Fonte: Elaborado pelos autores

A escolha do Mapa conceitual se deu nesse trabalho, porque segundo Moreira (2010) sintetiza a reunião de conceitos ou associações entre os significados que os alunos tiveram sobre a experiência de aula em espaço não formal, organizados na estrutura cognitiva de uma forma muito particular. Os Mapas Conceituais constituem importante instrumento para acompanhar a aprendizagem, demandando compreender os processos de construção.

Observando a Figura 1, ela se propõe a apresentar as impressões que mais foram despertadas nos alunos a partir da aula ministrada fora do espaço formal da escola. Analisando os dados através da questão aberta “O que uma aula em espaços não formais despertou em mim?”, os alunos declararam que o fator “curiosidade” foi mais relevante, sendo citado por vinte e quatro alunos participantes. O fator “motivação” apareceu vinte e três vezes nos instrumentos de pesquisas impulsionados pela curiosidade de todos. Observa-se que motivados pela dinâmica planejada pelos professores, a satisfação dos alunos os levou a terem maior interesse pela disciplina em questão, fatores estes que sobressaíram nas respostas coletadas, ou seja, dezenove alunos apontaram-na respectivamente. A constatação desse resultado tem o aporte teórico de Vercelli (2012), quando se entende que presencialmente os espaços não formais estimulam o Ensino e aprendizagem de maneira diferenciada do espaço formal de sala de aula. Ainda segundo a autora, o aluno consegue participar de maneira descontraída, resposta dada por dezesseis deles, dos debates propostos pela temática por se tratar de um ambiente que traz muitas novidades e aumenta o nível de curiosidade como foi identificado.

Assim, não menos importante com relação aos fatores mais relacionados, outros apontados pelos alunos ajudam na construção do pensamento da aprendizagem em que a formação fica mais coesa, a inovação permite novos olhares dos espaços, os desafios encontrados permitem utilizar o discernimento que integrados proporcionam prazer para quem ensina e para quem aprende.

Considerações Finais

Considerando que não é comum a escola oferecer a seus alunos vivências e experiências em outros espaços que não seja o espaço da escola e, em muitos casos, este espaço restringe-se quase que exclusivamente à sala de aula, esta produção científica buscou identificar as contribuições que o espaço não formal oferece no sentido de complementar à aprendizagem. Na educação não formal, os alunos aprendem pela

experiência e em diferentes espaços. Outros tantos, possuem vivências e aprendizagens adquiridas por meio da educação informal e o educador possibilitando que estas sejam utilizadas nas aulas, favorecerá a troca de saberes.

Nesse sentido, muitos conhecimentos podem ser apreendidos quando se estabelece a relação teoria/prática proporcionada pelo ambiente. Contudo, se deve ter clareza que o Ensino em espaço não formal não substitui a do Ensino em espaço formal. Ela é complementar, principalmente nos espaços que oferecem a interatividade e a participação. Não permitir a fragmentação do conhecimento leva o aluno a perceber que as diferentes áreas se complementam, ou seja, o espaço formal e não formal, e que uma necessita da outra para a compreensão dos diferentes conteúdos do currículo escolar.

A iniciativa da aprendizagem em espaços não formais nos faz acreditar que o ensino não formal tem ainda um enorme potencial a ser explorado, principalmente no que diz respeito à sua capacidade de motivar o aluno para o aprendizado – valorizando suas experiências anteriores –, de desenvolver sua criatividade e, sobretudo, de produção de conhecimento.

Assim, percebe-se que a utilização dos espaços não formais no processo do Ensino e Aprendizagem favorece na obtenção de novos saberes, articulando a escola, alunos, professores e comunidade para vivências diferenciadas.

Referências

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília, DF: MEC/SEMEC, 1999.

BRASIL. O Plano de Desenvolvimento da Educação. Razões, Princípios e Programas. Brasília, DF: MEC, 2007.

CAVALCANTE, B. L. de L.; LIMA, U. T. S. de. Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. **J Nursing and Health**, Pelotas, v. 1, n. 2, p. 94-103, jan./jul. 2012.

COSTA, F. J. Mensuração e desenvolvimento de escalas: aplicações em administração. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2011.

CHASSOT, A. Alfabetização Científica: questões e desafios para a educação. 5. ed. Ijuí: Unijui, 2010.

GADOTTI, M. A questão da educação formal/não-formal. Institut international des droits de l'enfant (IDE) Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problèmes nas solution? Sion (Suisse), 18 a 22 octobre. 2005. p.1-11. Disponível em:

<<https://docplayer.com.br/5445484-A-questao-da-educacao-formal-nao-formal.html>>. Acesso em: 29 nov 2018.

GOHN, M. da G. Educação não-formal na pedagogia social. In: CONGRESSO INTERNACIONAL PEDAGOGIA SOCIAL, 1., **Anais...** 2006. São Paulo. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/328515311/GOHN-Educacao-Nao-Formal-Na-Pedagogia-Social>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

_____. **Educação Não Formal e o Educador Social:** atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Educação não-formal e cultura política.** 5. ed. São Paulo, Cortez. 2011.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados.** 2018. Disponível: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/sao-jose-dos-ausentes/panorama>>. Acesso em: 5 dez. 2018.

JACOBUCCI, D. F. C. **Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica.** 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/emextenso/article/viewFile/1675/1439>>. Acesso em: 9 dez. 2018.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. de; THOSCHI, M. S. **Educação Escolar:** Políticas, Estrutura e Organização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MARANDINO M. et al. A Educação Não Formal e a Divulgação Científica: o que pensa quem faz? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE CIÊNCIAS - ENPEC, IV., **Atas...** Bauru, 2004.

MARTINS, G. de A. **Estudo de caso:** uma estratégia de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Atlas. 2008.

MOREIRA, M. A. **Mapas conceituais e aprendizagem significativa.** São Paulo: Centauro Editora, 2010.

PRAXEDES, G. de C. **A utilização de espaços de educação não formal por professores de Biologia.** 2009. 167 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática) - Centro de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

ROCHA, S. C. B. da; FACHÍN-TERÁN, A. F. **O uso de espaços não formais como estratégia para o ensino de ciências.** Manaus: UEA/Escola Normal Superior/PPGEECA, 2010.

TRIVINOS, A. N. Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2007.

VERCELLI, L. de C. A. **Estação ciências:** espaço educativo institucional não formal de aprendizagem. São Paulo: UNINOVE, 2012.

XAVIER, O. S.; FERNANDES, R. C. A. A Aula em Espaços Não-Convencionais. In: VEIGA, I. P. A. **Aula**: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas: Papirus Editora. 2008. p. 225-265.